

As relações exteriores da Líbia durante o governo de Muammar al-Gaddafi: uma breve introdução (décadas de 1970 e 1980)

Felipe Antonio Honorato⁴

1. Introdução

A Líbia é uma nação africana localizada no norte do continente. Quarto país mais extenso de África, a partir da década de 1950, chamou a atenção de diversas potências internacionais: é neste período que são descobertas grandes reservas de petróleo no território (GIORDANI; BORGES, 2017); estas reservas se mostram extremamente estratégicas, pois permitem escoar e transportar “[...] o produto [petróleo] sem necessitar do Canal de Suez, contornar o Cabo da Boa Esperança ou atravessar mais de um país neste processo” (GIORDANI; BORGES, 2017, p. 104-105).

2. Governo de Muammar al-Gaddafi: nova forma às relações internacionais líbias

Angela Lano (2019) descreve que, durante a década de 1960, uma série de ideologias surgem e/ou se espalham pelo mundo árabe; além do mais, a traumática derrota árabe na Guerra dos Seis Dias leva “à necessidade de novas identidades políticas e nacionais” (LANO, 2019, p. 150). É neste contexto que se torna popular o nacionalismo árabe no Oriente Médio, que teve como principal expoente o egípcio Gamal Abdul Nasser (GIORDANI; BORGES, 2017). Tal ideologia, que ressoava entre a porção mais

⁴ GEPHOM / EACH - USP

jovem dos líbios, era antiocidental e defendia a autonomia dos povos árabes (GIORDANI; BORGES, 2017).

Ao mesmo tempo que o nacionalismo árabe e as ideias de Gamal Nasser se espalhavam pela Líbia, o governo do rei Idris, constituído em 1951 pela Organização das Nações Unidas (ONU) e alinhado aos interesses ocidentais, perdia sua legitimidade até mesmo na Cirenaica, berço da Ordem Sanussi, da qual o soberano fazia parte:

Durante os anos 1960, vários fatos destacaram o baixo nível de legitimidade que o reino possuía na mesma Cirenaica, devido à crescente corrupção, tanto no setor público quanto no privado, causada pela enorme renda de dinheiro derivado do petróleo; o nepotismo e o clientelismo eram muito fortes e a corrupção era generalizada, juntamente com os interesses das grandes qabilas. A exclusão política, a desunião, a ausência de nacionalismo e a parceria com o Ocidente foram percebidas como suspeitas em uma época de luta antiocidental [...] (LANO, 2019, p. 154)

Além disto, a monarquia sofria com críticas por seu fraco apoio à causa árabe no conflito árabe-israelense e pela esparsa distribuição das receitas proveniente do petróleo, apesar do significativo aumento da renda nacional (GIORDANI; BORGES, 2017).

É neste contexto que emerge, como liderança, um jovem militar, filho de humildes beduínos (LANO, 2019) e influenciado pelo nacionalismo árabe (GIORDANI; BORGES, 2017): Muammar al-Gaddafi. Gaddafi, como líder do Conselho do Comando da Revolução (CCR), encabeça um rápido golpe de Estado (dura cerca de 5 horas), promovido em 1 de setembro de 1969, que destituiu Muhammad Idris al-Sanusi do poder sem derramamento

de sangue (LANO, 2019) e funda a República Árabe da Líbia.

Lano (2019, p. 155) explica que:

O Conselho do Comando da Revolução (CCR), liderado por Gaddafi, iniciou imediatamente um processo de libicização e nacionalização de bancos estrangeiros no território, o aumento dos royalties as companhias petrolíferas e dos salários dos trabalhadores líbios na indústria petrolífera da Líbia; o uso do árabe foi introduzido para termos previamente expressos em inglês. Nos quatro anos seguintes, o CCR nacionalizou e transferiu as propriedades e os interesses das nove principais companhias petrolíferas dos EUA para a National Oil Company (NOC), uma entidade controlada pelo Estado líbio (CRICCO e CRESTI, 2011, p. 49-52). As tropas britânicas e americanas estacionadas em el-Adem e Wheelus Field também foram expulsas

O CCR também “comprometeu-se com a busca pela unidade árabe e pela liberação da Palestina” (GIORDANI; BORGES, 2017, p. 105).

Apesar de Muammar al-Gaddafi ter ido diretamente contra os principais interesses ocidentais no território líbio, nacionalizando a cadeia de produção do petróleo e fechando as bases militares britânicas e estadunidenses, seu governo foi rapidamente reconhecido pelos Estados Unidos e pelas principais potências ocidentais. Tudo porque Gaddafi criticava abertamente tanto o comunismo, quanto o capitalismo, o que, em um contexto de Guerra Fria, serviu como garantia ao mundo ocidental de que o país não entraria na esfera de influência soviética - o governo do militar chegou a perseguir e prender comunistas, inclusive

(LANO, 2019). Oficialmente, o país adotava uma orientação “terceiro mundista”, não se alinhando a nenhum dos lados da Guerra Fria. Em termos de política de defesa, Gaddafi conseguiu de fato seguir um não-alinhamento pragmático:

[...] o líder não abdicou da segurança de seu país, recorrendo a outros parceiros, como a França e, principalmente, o Egito, além da URSS. Embora não alinhado a qualquer lado da Guerra Fria, de modo pragmático Gaddafi utilizava os recursos da venda do petróleo para a Europa para comprar tecnologia, sobretudo armamentos e dispositivos militares desses países. Difere-se, assim, do alinhamento mais direto com os EUA praticado pelo Rei Idris. Tal pragmatismo condiz com a busca pelo desenvolvimento nacional líbio, diferentemente dos alinhamentos menos socialmente concebidos da era monárquica (OLIVERI, 2012) (GIORDANI; BORGES, 2017, p. 110)

Em outros campos, no entanto, esta orientação não ficou tão clara, tendo a Líbia pendido para o lado soviético: além de “ter rompido com os Estados Unidos quando do Golpe Militar em 1969”, o país se aproximou da URSS, “a qual forneceu assistência ao país africano por bastante tempo e em diversos setores” (GIORDANI; BORGES, 2017, p. 111).

A unidade árabe foi uma das grandes bandeiras de Muammar al-Gaddafi, ao menos até a década de 1990, quando seu interesse se voltou para a África subsaariana (LANO, 2019). Externalizando a influência do nacionalismo árabe sobre si, o militar promoveu uma aproximação da Líbia com o Egito, tendo sido um claro admirador da figura de Gamal Nasser, chegando, muitas vezes, a mimetizar suas ações (GIORDANI; BORGES, 2017).

Até o fim da década de 1980, o interesse diplomático líbio em África praticamente se resumiu a estratégias para diminuir a influência israelense no continente:

Para combater a influência israelense, o Conselho do Comando Revolucionário estabeleceu relações diplomáticas com os estados africanos, oferecendo-lhes assistência econômica, e depois instando-os a romper relações diplomáticas com Israel. Em meados de 1973, o Mali, o Níger, o Congo e o Burundi cortaram relações diplomáticas com Israel; ao mesmo tempo, a Líbia começou a levantar a questão nas reuniões da Organização da Unidade Africana – OUA: ele pediu aos Estados membros que cortassem os laços com Israel e movessem a sede da OUA da Etiópia para um país “ mais adequado” para alcançar a liberdade e a unidade na África; no início de 1974, a Líbia havia alcançado o objetivo de reduzir a influência israelense na África (LANO, 2019, p. 178-179)

3. Rompimento com o ocidente

O apoio estadunidense ao governo de Gaddafi vai ruir durante os governos de Carter e Reagan - as relações tornaram-se tensas e hostis, tendo os EUA, em 1978, começado a restringir o comércio com a Líbia (LANO, 2019). Em 1981, os estadunidenses cessam a importação de petróleo bruto do país africano, interrompendo também as relações diplomáticas bilaterais, e em 1982 tem início um embargo econômico que reduz, de 1982 a 1986, as remessas de petróleo de 21 bilhões de dólares para cerca de 5,4 bilhões (LANO, 2019).

Vários fatores, de acordo com Angela Lano (2019, p. 181-182), justificam essa guinada: I. “O ativismo internacional de Gaddafi em apoio às lutas de libertação de vários povos, incluindo alguns

na América Latina”; II. o apoio do presidente líbio a “grupos de resistência palestinos tanto na Palestina quanto em outros estados árabes”; III. “a Líbia estava tentando se tornar uma potência nuclear e o fato de Gaddafi ter ocupado parte do Chade, rico em urânio [...]” IV. “o então Secretário de Estado [dos EUA], Alexander Haig, queria tomar medidas contra Gaddafi porque ele havia usado ex-agentes da CIA (Edwin Wilson e Frank E. Terpil) para organizar campos terroristas”; V. Aproximação entre Líbia e União Soviética.

Em 1984, após um episódio em Londres que envolveu a morte de uma policial inglesa, a Grã-Bretanha também interrompeu relações diplomáticas com a Líbia (LANO, 2019). A partir daí, Estados Unidos, França e a Grã-Bretanha iniciam uma cooperação contra a Líbia, o que envolve uma propaganda político-midiática feita por EUA e Grã-Bretanha, fazendo surgir, no ocidente, um sentimento anti-líbio (LANO, 2019).

4. Considerações finais

Assim que emergiu ao poder, o coronel Gaddafi posicionou a Líbia, no contexto internacional, como um país não-alinhado. Com o tempo, no entanto, o apoio líbio às lutas de libertação e emancipação mundo afora, seu ímpeto nuclear e uma aproximação do país à URSS fizeram com que a boa relação diplomática com o mundo ocidental fosse substituída por embargos econômicos e uma campanha orquestrada, encabeçada por Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, criassem um sentimento anti-líbio no Ocidente. Tais ações se iniciaram no fim da década de 1970, e se intensificaram em 1984.

Referências bibliográficas

GIORDANI, Felipe Bressan; BORGES, Gabriela Verdi. A revolução cultural e popular na Líbia de 1973. Revista Perspectiva (Porto Alegre), v. 10, n. 18, p. 100-115, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/view/80169>>. Acesso em: 12 out. 2021.

LANO, Angela. O radicalismo islâmico e as agendas geopolíticas ocidentais: alianças e conflitos no caso da Líbia, da revolta contra Gaddafi aos dias atuais. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) - Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.